

#ECOS

exílios,
contrariar o silêncio:
memórias, objectos
e narrativas de
tempos incertos

CADERNO PEDAGÓGICO

CADERNO PEDAGÓGICO

#ECOS

2021

ÍNDICE

O que é o projeto #ECOS	4
O exílio português na Europa	6
As atividades pedagógicas #ECOS	9
• Exposição “#ECOS. Contrariar Silêncios”	11
• Workshop Cinema Documental	14
○ A (Re)montagem de Arquivos	15
○ Fazer uma Entrevista	16
• Workshop Teatro Documental	17
○ Leitura da Peça “Exílio(s) 61-74”	18
○ Workshop de Teatro Documental	19
• Conversas #ECOS	21
Fichas Pedagógicas	22
• Ficha Testemunho: Jorge Leitão	24
• Ficha Testemunho: Manuel Branco	27
• Ficha Documento: “O Alarme!..”	30
• Ficha Entrevista	37
• Ficha Cinema: “A Fotografia Rasgada”, José Vieira	40
• Ficha Teatro: Teatro e Censura	43
Recursos Online	49

O QUE É
O PROJETO
#ECOS

Entre 1926 e 1974 milhares de portugueses tomaram o caminho do exílio. Este, frequentemente incluído na contabilização dos movimentos migratórios da época, integra um dos mais importantes fluxos de pessoas da história do Portugal do último século. O projeto “#ECOS. Exílios, contrariar o silêncio: memórias, objetos e narrativas de tempos incertos” pretende interrogar a memória desta mobilidade específica, partindo do campo disciplinar das Ciências Sociais, e incidindo sobre arquivos, objetos e construções memorabilísticas de exilados portugueses.

Nesse sentido, o projeto propõe um conjunto de iniciativas que visam contribuir: a) para a promoção de um debate público na sociedade europeia sobre os processos de exílio com principal, embora não exclusivo, enfoque no exemplo português; b) para a construção de um património sobre estes processos a partir de espólios pessoais e arquivísticos, com particular destaque para os objetos da cultura material; c) para aprofundar o conhecimento do público escolar sobre a história da Europa e dos seus diferentes regimes políticos.

#ECOS visa assim uma consciencialização sobre o passado e uma aprendizagem para o futuro, amplamente pertinente nos debates contemporâneos sobre mobilidades, políticas de acolhimento, xenofobia e populismo. O projeto, ao dar visibilidade a experiências biográficas transnacionais, adquire relevância numa Europa atualmente marcada por crises sociais, económicas e políticas.

O público alvo do projeto são instituições escolares e associativas que permitam a implementação de atividades de carácter pedagógico e de divulgação científica sobre estas temáticas. Nesse sentido, #ECOS articula-se em torno de propostas de atividades múltiplas, da promoção de debates à coprodução artística, concebidas por uma equipa multidisciplinar (académicos, artistas, exilados, alunos, professores) e internacional (Portugal, França, Dinamarca). Tendo o espaço europeu como pano de fundo, #ECOS pretende promover o diálogo intercultural entre jovens e menos jovens, alunos e professores, migrantes, exilados, académicos e artistas.

As atividades e fichas aqui propostas visam estimular esse diálogo, promovendo novas mobilidades, trocas e intercâmbios de ideias, projetos e práticas pedagógicas.

O EXÍLIO

PORTUGUÊS

NA EUROPA

O exílio português na Europa, apesar de atravessar todo o período do Estado Novo, acentua-se a partir de 1961, ano em que eclode a Guerra Colonial. Os países europeus que recebem, neste período, o maior número de portugueses são França e a Alemanha, seguidas da Suíça e da Bélgica.



Figuras 1-2 Mapa dos países que acolheram exilados políticos portugueses e onde se instalaram comitês de desertores e refratários

© Inês Baptista, Margarida Leal, Mariana Andrade, Mariana Silva (Escola Artística António Arroio) (2020).



O exílio político para a Europa da década de 60 acontece, em grande medida, devido ao novo vigor que a oposição ao regime ditatorial português viverá nesta altura, motivado em grande medida pela candidatura à presidência da República do General Humberto Delgado (1958) e mais tarde, a partir de 1961, pela necessidade de desenvolver estratégias de oposição e combate à Guerra Colonial. Sobre o número de homens e mulheres que foram perseguidos por motivos políticos, ou que saíram do país por se oporem à Guerra não é ainda hoje possível estabelecer uma contabilização rigorosa, a discussão anda, contudo, à volta dos milhares. A este número é ainda necessário acrescentar o de muitos emigrantes, classificados como emigrantes económicos, mas para os quais a rejeição do serviço militar, cuja integração não

permitiria continuar a prover economicamente ao agregado familiar, e o não querer participar no conflito bélico, constituem igualmente motivos que conduzem à saída de Portugal.



Figura 3 Ex-exilados portugueses conversam sobre o 25 de Abril em tempos de pandemia (25 de Abril 2020)
<https://ecosexilios-cria.org/onde-estavam-no-25-de-abril/>

No âmbito do projeto #ECOS trabalhamos de forma direta com a história deste exílio, mas entendemo-lo, enquanto processo de mobilidade, de forma bastante ampla. Assim, nos traços desta história, procuramos descobrir percursos de vida, objetos que viajaram, trajetos planeados e rotas de fuga, caminhos de partida e de regresso, bem como descortinar redes de solidariedade e entreajuda. Ou seja, fragmentos das vidas que teceram as histórias destes portugueses que são hoje os nossos pais, avós, vizinhos e colegas.

AS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS **#ECOS**

O QUE SÃO E A QUEM SE DESTINAM

O objetivo central do projeto, através do seu “Caderno Pedagógico”, é a disseminação alargada de conhecimento sobre a experiência do exílio no contexto da história da Europa.

Todas as atividades e fichas pedagógicas propostas pretendem contribuir para a divulgação, sensibilização e comunicação das experiências quotidianas do exílio, dando voz aos seus protagonistas. Procuram ainda promover a disseminação do conhecimento sobre o exílio, a partir de narrativas biográficas que, sendo histórias de portugueses, constituem exemplos universais sobre deslocamento, desenraizamento e mobilidade forçada.

As Fichas Pedagógicas apresentadas (“Testemunho”, “Documento”, “Entrevista”, “Cinema”, “Artes”) e as atividades propostas (“Exposição”, “Workshop Cinema Documental”, “Workshop Teatro Documental”, “Conversas #ECOS”) visam enquadrar o trabalho do aluno através de propostas que podem ser realizadas de forma individual ou coletiva, orientadas pelos

professores das instituições escolares ou pela equipa #ECOS, presencialmente ou à distância. Para a realização das atividades e das fichas disponibilizamos ainda um conjunto de materiais produzidos pelo projeto assim como sugestões de recursos externos – bibliografia, filmografia, arquivos – que poderão ser utilizados em sala de aula ou de forma autónoma pelos alunos.

Os materiais aqui apresentados foram pensados de raiz ou reformulados para responder aos desafios que a situação epidemiológica colocou às instituições escolares, nesse sentido todas as atividades programadas e disponibilizadas pelo ECOS apresentam modalidades de trabalho presenciais, digitais e virtuais.

Os trabalhos produzidos pelos alunos poderão vir a integrar um circuito europeu de intercâmbio de materiais escolares e de reflexão sobre práticas pedagógicas promovido pelo projeto.

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

1. Exposição “#ECOS. Contrariar Silêncios”
2. Workshop Cinema Documental
3. Workshop Teatro Documental
4. Conversas #ECOS

1 EXPOSIÇÃO

#ECOS. CONTRARIAR SILÊNCIOS

Exposição que pretende contribuir para o debate público europeu sobre o exílio, as migrações e a mobilidade em geral. A exposição organiza-se em três eixos temáticos: #ECOS do Passado, #ECOS no Presente e #ECOS nas Escolas. Os três eixos sintetizam os objetivos gerais do projeto: refletir sobre o passado; trazer esse passado para os debates do presente, contrariando silêncios; e desenvolver trabalho pedagógico colaborativo com comunidades escolares.

A exposição pode ser presencial (sob marcação), podendo ficar patente no espaço escolar num período de tempo a determinar, ou virtual, sendo visitável através do site (<https://ecos.cargo.site>). A equipa #ECOS oferece o acompanhamento necessário ao espaço expositivo, seja de forma presencial ou virtual.

EXPOSIÇÃO VIRTUAL

CONTRARIAR SILÊNCIOS

#ecos exílios, contrariar o silêncio
memórias, objetos e narrativas de tempos incertos
2019-2022

#1 <https://ecos.cargo.site>

#2 ecosdopassado

#3 ecosnopresente

#4 ecosnasescolas



Figura 4 Cartaz da exposição virtual #ECOS Contrariar Silêncios
© Sónia Mota Ribeiro (2020)

Disponos ainda de um conjunto de 25 cartazes, com reproduções de objetos, documentos, e testemunhos de antigos exilados portugueses, e materiais pedagógicos realizados por alunos da Escola Artística António Arroio. Estes podem assumir um carácter expositivo (no interior da sala de aula ou noutros espaços escolares), mas também de manuseamento (em papel ou em formato digital) para promoção de debates ou a realização de trabalhos escritos.



Figura 5 Cartazes desenvolvidos no âmbito do #ECOS

2 WORKSHOP

CINEMA DOCUMENTAL



Figura 6 Rodagem do filme “15 Rue du Moulinet”
© Hugo Dos Santos (2020)

As atividades artísticas propostas pelo realizador Hugo Dos Santos pretendem, através de workshops coletivos (presenciais e digitais), interrogar as problemáticas ligadas à construção de um discurso sobre o passado. Tendo por base experiências de cinema documental, de trabalho de arquivo e de trabalho jornalístico, estes workshops visam desconstruir os discursos mediáticos dominantes sobre exílio e a imigração, no sentido de criar as condições de produção de um discurso autónomo pelos participantes.

2

WORKSHOP

. 1

CINEMA DOCUMENTAL:

A (RE)MONTAGEM DE ARQUIVOS

O objetivo deste workshop é sensibilizar o público para as problemáticas do uso de arquivos no discurso histórico e nos meios de comunicação social. Durante este workshop, partiremos de diferentes exemplos de arquivos que foram retrabalhados por cineastas para alimentar a construção de uma obra coletiva. Para isso, definiremos juntos uma imagem de arquivo que servirá de ponto de partida. Será retrabalhada com outras imagens de arquivo e sons, já existentes ou que decidirmos criar juntos (voz-off, sonoplastia, imagens filmadas). O objeto final deste workshop será a projeção presencial ou online do vídeo, na presença dos participantes.

Duração: 3 sessões de 3 horas, dirigidas pelo realizador Hugo Dos Santos.

Público-alvo: maiores de 16 anos. Público escolar, associativo, ex-exilados e interessados em práticas do cinema documental.

2

WORKSHOP

. 2

CINEMA DOCUMENTAL:

FAZER UMA ENTREVISTA

O objetivo deste workshop é o de sensibilizar o público para a problemática das narrativas construídas a partir de entrevistas, através da produção coletiva de um vídeo a partir de entrevistas recolhidas pelos participantes. Partindo do tema do exílio, iremos escolher uma problemática para investigar (exemplo: por que os imigrantes vêm para a Europa? Como são recebidos? De onde vêm as famílias dos alunos? etc.). Partindo dessa ideia original desenvolveremos em conjunto uma campanha de entrevistas. Os participantes serão solicitados a preparar e realizar as entrevistas, assim como a combiná-las com outras imagens (filmadas, arquivos, etc.). No decorrer do workshop serão visionados filmes, célebres ou não, em que as entrevistas são a base da estrutura narrativa.

Duração: 5 sessões de 3 horas dirigidas pelo realizador Hugo Dos Santos.

Público-alvo: maiores de 16 anos. Público escolar, associativo, ex-exilados e interessados em práticas do cinema documental.

* o número e a duração das sessões poderão ser adaptados a cada universo escolar.

3 WORKSHOP

TEATRO DOCUMENTAL

As atividades de carácter artístico promovidas pela “Casa da Esquina” pretendem, através do teatro (leitura de uma peça sobre exílios e workshop de teatro documental), explorar objetos cénicos capazes de refletir sobre as questões da transmissão da memória e identidade, investindo em uma dramaturgia original, bem como desenvolver formações artísticas em estreita colaboração com as comunidades de forma a atrair novos públicos, sobretudo jovens, incentivando a criação de hábitos culturais.



Figura 6 Cena da peça “EXILÍO(S) 61-74” © Carlos Gomes

3

WORKSHOP

. 1

LEITURA DA PEÇA “EXÍLIO(S) 61-74”

O objetivo deste workshop é originar uma leitura encenada a partir da peça “EXÍLIO(S) 61-74”, editada na coleção Dramaturgia da Universidade de Coimbra. Neste workshop, dirigido por Ricardo Correia, iremos partir das cenas-modelo do espetáculo original (textos, testemunhos, vídeos e paisagem sonora) de forma a trabalhar sobre as questões da liberdade. Isto permitirá discutir questões como, por exemplo, a da fuga como um gesto de protesto e mecanismo de luta, ou a do relato biográfico como construção do indivíduo, promovendo o debate sobre a liberdade, as práticas de cidadania e as políticas de memória. A língua utilizada no workshop será o português. O objeto final do workshop será uma leitura encenada presencial e/ou online para a comunidade em que os formandos se inserem com apresentação (pública/gravada e lançada online).

Duração: uma oficina de 3 horas durante 3 dias dirigida pelo autor e encenador Ricardo Correia

Público-alvo: maiores de 16 anos. Para público escolar, associativo, ex-exilados, e interessados em práticas artísticas contemporâneas

3

WORKSHOP

. 2 **TEATRO DOCUMENTAL**

O objetivo deste workshop é a partir da peça “EXILÍO(S) 61-74”, editada na coleção Dramaturgia da Universidade de Coimbra, desenvolver um projeto de teatro documental.

Neste workshop, dirigido por Ricardo Correia, iremos partir de um protocolo de criação para desenvolver, passo a passo, os procedimentos utilizados na criação de um projeto de teatro documental (ponto de partida, sinalização de entrevistas, como conduzir entrevistas, transcrição e edição, estrutura e narrativa e passagem do texto à cena). Iremos rever as diferenças entre ficção e documental e seus elementos comuns. Procurar o essencial dos elementos dramáticos, e ao analisar a peça “EXÍLIO(S) 61-74” investigar as decisões tomadas na escrita, em termos de conteúdo e forma e discutir questões de autenticidade, apropriação e autoria. O objeto final do workshop será a criação de um projeto de teatro documental individual ou em grupos. O workshop pode decorrer de forma presencial ou online.

Duração: Uma oficina de 3 horas durante 5 dias dirigida pelo autor e encenador Ricardo Correia

Público-alvo: maiores de 16 anos. Para público escolar, associativo, ex-exilados, e interessados em práticas artísticas contemporâneas;

* o número e a duração das sessões poderão ser adaptados a cada universo escolar.

4 CONVERSAS

#ECOS

Conversas, debates, testemunhos, painéis temáticos (presenciais ou virtuais) são vários dos modelos que propomos para falar sobre a temática do exílio e das migrações em geral: o que são as migrações; história das migrações portuguesas; as políticas de asilo na Europa; o Estado Novo e a Guerra Colonial.

Sessões informais animadas por antropólogos, historiadores, encenadores, realizadores de cinema, exilados e migrantes, acompanhadas de materiais que suportam e estimulam o debate e a reflexão (vídeos, objetos pessoais, fotografias, jornais).

Estas sessões permitem aos alunos adquirir os conhecimentos básicos para a compreensão do contexto histórico e da temática em análise.



Figura 7 Escola Artística António Arroio © #ECOS 2019

FICHAS PEDAGÓGICAS

As Fichas Pedagógicas pretendem contribuir para o aprofundamento do conhecimento da história do séc. XX em Portugal e na Europa, assim como para a reflexão sobre os processos contemporâneos de mobilidade, com exercícios que estimulam a criatividade e apropriação dos temas pelos alunos, seja através de análises biográficas ou de documentos, produção de narrativas através da realização de entrevistas ou de criação artística através da expressão visual e performativa.

As Fichas poderão ser utilizadas presencialmente, em sala de aula, ou à distância.

1. FICHA análise de eventos históricos a
TESTEMUNHO partir de testemunhos biográficos e
exercícios sobre a continuidade dos
temas evocados no presente

2. FICHA análise de eventos históricos a
DOCUMENTO partir de documentos e exercícios
de produção de materiais
documentais

3. FICHA produção de narrativas biográficas
ENTREVISTA através da realização de entrevistas

4. FICHA examinar a realidade social
CINEMA histórica e contemporânea a partir
da produção cinematográfica

5. FICHA reflexão sobre processos culturais
TEATRO históricos e contemporâneos a
partir da produção teatral

*solicite as Fichas Pedagógicas completas através do email:
ecos.exilios@gmail.com

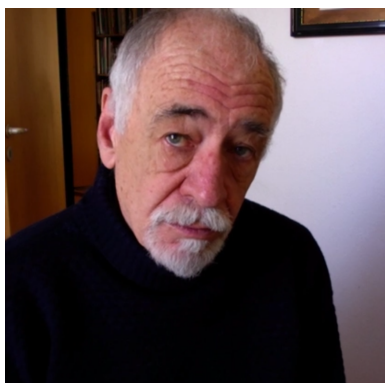
*o #ECOS disponibiliza uma lista de recursos online para a
realização das Fichas Pedagógicas.

#ECOS

exílios,
contrariar o silêncio:
memórias, objectos
e narrativas de
tempos incertos

1 FICHA TESTEMUNHO

JORGE LEITÃO



Assiste ao testemunho de Jorge Leitão no site do #ECOS e lê o seu registo no livro *Exílios* disponível no site da AEP61-74¹

1. No seu testemunho, Jorge Leitão lembra a repressão do regime do Estado Novo à luta pela independência das antigas colónias.

- 1.1. Que luta foi esta? Faz uma pesquisa e identifica os principais acontecimentos e figuras que aceleraram o seu início e levaram ao seu fim.
- 1.2. Outros países europeus também tiveram impérios coloniais. Identifica quais e quando foi o seu fim para refletir sobre a principal diferença entre os processos de descolonização português e de outros países europeus?



Biblioteca multimédia © AEP 61-74

¹ <https://ecosexilios-cria.org>
<http://aep61-74.org>

2. Ao recusar-se a participar na guerra colonial, Jorge Leitão e outros portugueses viram-se numa situação de ilegalidade.



Biblioteca multimédia © AEP 61-74

2.1. Sabes porque ficava ilegal quem recusava participar na guerra colonial e quais eram as diferentes designações para os identificar?

2.2. Hoje também existem várias designações para identificar pessoas em diferentes processos de mobilidade. Reflete sobre quais são, quais os critérios que as diferenciam, e sobre o sentido ou utilidade que encontras nesta classificação?

3. Para sair de Portugal, Jorge Leitão deu o “salto”.

3.1. Com o apoio das descrições do salto nos anos 1960 e 1970 nos sites do #ECOS e da AEP 61-74, imagina e relata como seria se tivesses que dar o “salto” hoje.

3.2. Atualmente, Portugal já não é deixado “a salto”, mas recebe quem teve que abandonar o seu país. Faz uma pesquisa pelos media e reflete sobre as semelhanças e diferenças dos motivos que levaram os portugueses ao exílio e que hoje trazem emigrantes e refugiados a Portugal.

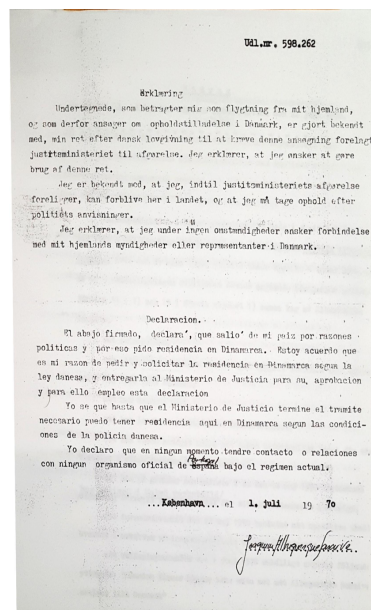


Biblioteca multimédia © AEP 61-74

4. Para Jorge Leitão, a memória do exílio é uma memória de solidariedade.

4.1. Sabes que países acolheram os exilados políticos portugueses e como se processava o enquadramento legal deste acolhimento? Podes encontrar pistas nos testemunhos e materiais disponíveis nos sites do #ECOS e da AEP 61-74

4.2. Hoje, várias organizações coordenam o acolhimento de refugiados em Portugal. Faz uma pesquisa para identificar quais são e que tipo de apoio prestam para refletir sobre os progressos e os problemas do processo de acolhimento.



Biblioteca multimédia © AEP 61-74

* Para orientar a tua pesquisa, consulta a Bibliografia e os Recursos online no final do Caderno.

1 FICHA TESTEMUNHO

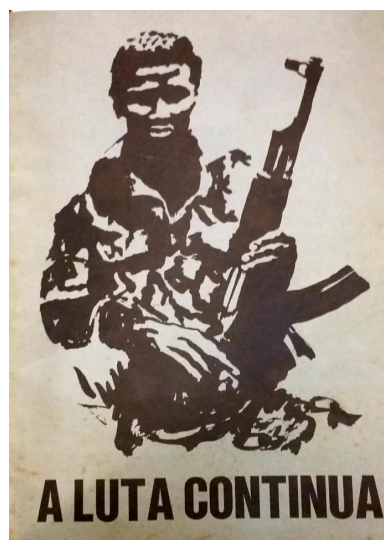
MANUEL BRANCO



Assiste ao testemunho de Manuel Branco no site do #ECOS e lê o seu registo no livro Exílios disponível no site da AEP61-74²

1. “Matar ou ser morto por que razão?” diz Manuel Branco para explicar o motivo da sua deserção à guerra colonial

- 1.1. Reflete sobre os dilemas morais com que se depararam os militares e desertores portugueses.
- 1.2. Mas a deserção também colocava problemas. A partir do relato de Manuel Branco, imagina sobre quais seriam as principais dificuldades que ias encontrar no exílio.



Biblioteca multimédia © AEP 61-74

² <https://ecosexilios-cria.org>
<http://aep61-74.org>

2. No exílio, Manuel Branco integrou o comité de desertores na luta contra o regime português e a guerra colonial.



Biblioteca multimédia
© AEP 61-74

2.1. Compara os retratos da guerra colonial divulgadas pela luta contra o regime e a propaganda oficial do Estado Novo. Em que diferem? Vários arquivos digitais disponíveis online podem ajudar-te.

2.2. Também hoje há acontecimentos noticiados de modos distintos por diferentes organizações ou media. Pesquisa na imprensa online e nas redes sociais e dá um exemplo, refletindo sobre as possíveis razões para estas diferenças.

3. A imprensa clandestina foi uma importante atividade dos comités de desertores no combate à censura pelo Estado Novo.

3.1. O que foi a censura e que tipo de materiais eram censurados?

3.2. A censura em Portugal terminou em 1974, mas a liberdade de expressão continua a ser tema de debate público. Como se pode pensar o fenómeno das *fake news* neste novo contexto?



Biblioteca multimédia © AEP 61-74

4. A música de intervenção e protesto foi um dos meios usados para contornar a censura e lutar contra a repressão.



Biblioteca multimédia © AEP 61-74

- 4.1. Escolhe uma música de intervenção lançada durante o Estado Novo, interpreta o conteúdo da sua letra, e identifica as estratégias usadas para contornar a censura. Podes inspirar-te na playlist disponível na exposição virtual do #ECOS em <https://ecos.cargo.site/>
- 4.2. A música de intervenção e protesto existiu e ainda existe em outros países e tempos históricos. Escolhe uma música de protesto contemporânea ou estrangeira e interpreta a sua letra para explicar o tema e a forma como protesta.

* Para orientar a tua pesquisa, consulta a Bibliografia e os Recursos online no final do Caderno.

2 FICHA DOCUMENTO

“O ALARME!..”

“O Alarme!..” é uma publicação que surge na cidade de Grenoble (França) em 1972, sendo produzido por um grupo de exilados políticos portugueses. Este intitula-se, no início, “O Alarme!.. Jornal dos Portugueses da Região de Grenoble” e, a partir de Janeiro de 1974, “O Alarme!.. Jornal Popular Português”. Tendo sido criado em Grenoble, a partir de 1975 será publicado em Paris e chegou a ser distribuído clandestinamente em Portugal.

O jornal surge no seguimento do trabalho militante já desenvolvido por este grupo de exilados junto da população portuguesa emigrada em Grenoble. As atividades que desenvolviam eram: o apoio a greves e lutas laborais locais; sessões de alfabetização; sessões sobre contraceção e saúde reprodutiva; realização de festas e de convívios em que muitas vezes se apresentavam cantores e grupos de intervenção; criação local de um grupo de teatro popular. Também promoviam atividades lúdicas e desportivas como piqueniques, excursões e jogos de futebol.

Os temas dominantes da publicação são: 1) as condições de trabalho dos emigrantes portugueses; 2) notícias sobre Portugal, com particular incidência para lutas, greves e notícias sobre a Guerra Colonial e a luta anticolonial; 3) notícias sobre a vida associativa portuguesa em França; 4) um correio dos leitores com cartas, poemas e testemunhos

enviados para o jornal; 5) informações práticas para os emigrantes sobre legislação francesa em termos de direitos laborais e sociais como, por exemplo, preencher documentos e pedir apoios sociais.

O jornal terá ligação permanente, através dos seus produtores, a grupos políticos como “O Comunista”, “O Grito do Povo” e a “OCMLP”. “O Comunista” foi uma organização criada em Paris em 1968, integrando elementos dissidentes do “CMLP” (Comité Marxista-Leninista Português) e do “PCP” (Partido Comunista Português), com uma estrutura federativa em torno do jornal “O Comunista” (1968-1972). “O Grito do Povo” foi uma organização que surgiu em 1969 sediada no Porto, e que publicou o jornal homónimo entre 1971 e 1988. Em 1973, “O Comunista” e “O Grito do Povo” fundiram-se, dando origem à “OCMLP” – Organização Comunista Marxista- Leninista Portuguesa.

1. Analisa a capa e a pág. 6 do jornal “O Alarme!..” (nº 6, Fevereiro, 1973) reproduzida no anexo I.



Biblioteca multimédia © AEP 61-74

Que acontecimento da história colonial portuguesa refere a capa deste jornal?

Quem foi Amílcar Cabral? Escreve uma pequena biografia sobre esta personalidade histórica.

Como surge descrita nesta notícia a Guerra Colonial e a deserção?

Descreve as imagens que ilustram a notícia.

2. Analisa a capa e a pág. 8 do jornal “O Alarme!..” (nº 20, Maio, 1974) reproduzida no anexo II.

A que acontecimento internacional se refere a capa do jornal?

O que sabes sobre ele?

Procura informações e imagens sobre a forma como este acontecimento tem sido vivido em diferentes épocas e países.

***repara como este jornal já é publicado depois do 25 de Abril de 1974.**



Biblioteca multimédia © AEP 61-74

3. Concebe e produz um jornal militante

Escolhe a causa que gostarias de defender ou que gostarias de dar a conhecer.

Define o número de páginas e as diferentes rubricas.

Redige e ilustra os textos.

Faz o tratamento gráfico do teu jornal.

Que diferenças ou semelhanças encontras entre o teu jornal e “O Alarme!..”?

* Para orientar a tua pesquisa, consulta a Bibliografia e os Recursos online no final do Caderno.

O ALARME!

JORNAL DOS PORTUGUESES DA REGIÃO DE GRENOBLE

FEVEREIRO 73

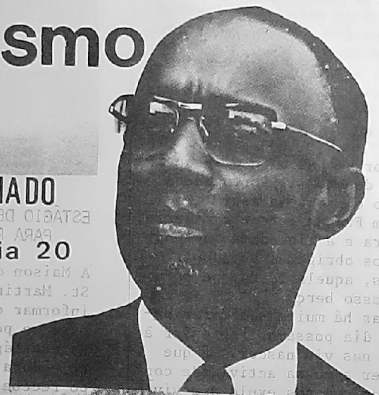
1 FR

Nº 6

MAIS UM crime do capitalismo português

AMILCAR CABRAL

foi ASSASSINADO no dia 20



Sábado dia 20 de Janeiro às 22h30; em frente da sua casa, Amílcar Cabral dirigente do P.A.I.C.C. (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) foi assassinado por Innocente Camilo, acompanhado de vários cúmplices.

Após o assassinado estes raptaram várias pessoas pertencentes ao P.A.I.C.C. entre os quais Aristide Pereira, o seu principal ajudante.

Em seguida tentaram alcançar Bissau por barco mas foram agarrados pela marinha da Guiné (antiga colónia francesa, agora independente).

Os bandidos fizeram-se passar por desertores a fim de serem colhidos pelo P.A.I.C.C. e assim cometerem o crime. Não é a primeira vez que o governo Português quer dar cabo dos movimentos de libertação, assassinando os seus dirigentes, como foi o caso de Eduardo Mondlane, FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), morto na Tanzânia no dia 3 de fevereiro 1969 ao abrir uma encomenda que continha uma bomba.

Os bandidos que estão na origem de mais este crime, são os mesmos que nos obrigam a emigrar da nossa terra, são os mesmos que nos obrigam a meter uma farda à força, são os mesmos que nas fábricas e nos campos de Portugal nos sugam o nosso sangue e o nosso suor.

Mas não é a perda de um dirigente que vai acabar com a luta do povo da Guiné, porque não é um só homem que manda fazer a guerra mas um povo inteiro que se revoltou para lutar pelos seus direitos e pela sua terra.

Em Portugal os soldados vão para África porque são obrigados a ir defender os interesses de um punhado de capitalistas enquanto que na Guiné foi o povo inteiro que se revoltou para lutar pelos seus direitos.



Amílcar Cabral entrega armas aos soldados do povo da Guiné em luta contra os colonialistas.

DURANTE O MÊS DE JANEIRO

Durante o mês de Janeiro houveram várias festas na região, organizadas por grupos de operários portugueses.

Nós pensamos que é bom haver festas, sobretudo quando são organizadas por muita operária. E porque? Porque as festas permitem que a gente se reúna, discuta dos nossos problemas, permitem que a gente se una cada vez mais uns aos outros contrariamente ao que sucede geralmente em que cada um fica para seu lado, pensa e resolve os problemas sozinho.

Isso é o que os patrões querem, é que a gente esteja dividido para eles melhor nos explorarem. Portanto, para mais força termos e melhor nos defendermos dessa corja de exploradores que são os capitalistas, HÁ QUE FAZER UNIÃO!

Sobre

as Festas

continua na última página



LISBOA

deira civilização. (...) **"JORNAL DE FUNDÃO" 24/12/72**

Ponte Salazar:

159 mil contos de portagens em 1971

Estadísticas relativas ao ano de 1971, divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatísticas, revelam que o valor das portagens atingiu 209 mil contos (180 mil em 1970). A Ponte Salazar obteve uma receita de 159 mil contos (136 mil contos em 1970).

Vejam lá a ponte já está paga e mais que paga, e esses sacanas continuam a chupar 20 escudos por cada carro que passa na ponte. Até onde vai a exploração em Portugal! Como é que esses senhores não hão-de ter dinheiro para manter a guerra em Moçambique, Guiné e Angola!



PORTO

No dia 23 de dezembro, enquanto os burgueses gastam milhares de escudos em presentes de Natal e pensam em encher bem a pansa, há um grupo de trabalhadores que fartos de ser explorados decidem recuperar algumas coisas aos capitalistas e dizer publicamente que são contra a guerra colonial e contra toda a exploração da burguesia.

Que fizeram eles então?

A volta de 150 trabalhadores, bem organizados, entraram no super-mercado "Villares" no Porto e recuperaram algumas dezenas de contos em alimentação. Ao mesmo tempo gritavam palavras de ordem como "ABAIXO A EXPLORAÇÃO DO CAPITALISMO", "ABAIXO A GUERRA COLONIAL ASSASSINADA".

Seguidamente estes géneros foram distribuídos à população assim como milhares de papéis explicando às pessoas tudo o que tinha sido feito. Tirar aos ricos não é roubar, é recuperar uma pequena parte daquilo que eles nos roubam, do nosso suor, do nosso trabalho.

ALCARIA

Um trágico acidente de trabalho ceifou a vida de uma jovem de 16 anos, M. do Rosário Joaquina Lourenço que trabalhava com uma esfarrapadeira na fábrica de colchões Alcaria.

A jovem M. do Rosário foi agarrada pelos ganchos da máquina, tendo ficado muito ferida na cabeça e no braço, morrendo logo a seguir.

"Mas a fatalidade espreitava, a morte estava na máquina", diz um jornal português. (*Jornal do Fundão*)

Qual fatalidade, qual carapuca, a morte não está na máquina. A morte está no patrão para quem só interessam os lucros que eles lhes dão. Para quem não interessa a vida e segurança dos operários mas sim a maneira de gastar menos dinheiro com os máquinas. Foi ainda o que aconteceu há pouco tempo com os trabalhadores mortos nos 2 Alpes quando montavam o teleférico, mas não se esqueçam de que os patrões não se preocupam com a segurança dos operários porque para eles o lucro é mais importante que a vida dos trabalhadores.



Guiné - guiné - guiné - guiné -

Amílcar Cabral - Natural de Cabo Verde foi um dos poucos negros que fez estudos superiores em Lisboa e o único que se formou em agronomia.

Aproveitou a possibilidade que teve para fazer estudos na Faculdade dos colonialistas Portugueses para poder adquirir conhecimentos úteis ao povo da Guiné.

Assim de regresso ao país tentou fazer avançar a situação do povo dentro das leis feitas pelo Governo Português; mas este não quer que o Povo abra os olhos porque o povo via logo que:

A GUINÉ É DOS GUINEENSES COMO PORTUGAL É DOS PORTUGUESES.

A legalidade é uma coisa muito bonita mas as leis nunca vão contra aqueles que as fizeram.

Ora como os interesses do povo não são os mesmos dos capitalistas colonialistas, o povo teve necessidade de se organizar e lutar contra os que os exploram. Foi por isso que se criou o P.A.I.G.C. em 1956 do qual Amílcar Cabral era um dos seus dirigentes. Os operários e camponeses organizaram-se, e como às boas o Governo Português não ce deu o povo teve que pegar em armas.

Para não perder esta colónia o Governo Português enviou tropas para matar os que se revoltaram para defender os seus direitos.

Muitos soldados portugueses desertam, recusando fazer essa guerra injusta.

a
e
i
o
u



Uma escola do P.A.I.G.C. na zona libertada da Guiné

Guiné
a Guiné é dos...

Desde o começo da luta de libertação do povo da Guiné, dirigido pelo P.A.I.G.C. organizaram-se:

ESCOLAS
Para educar o povo, fazendo-o sair da ignorância que o Governo Português colonialista o tinha posto para melhor poder roubar e explorar o povo Guineense (99% de analfabetos).

Hoje nas zonas libertadas (quase toda a Guiné) há 7 vezes mais de crianças e adultos que sabem ler e escrever, do que quando o Governo colonialista Português o comandava e explorava.

HOSPITAIS
Dado que os hospitais que haviam eram para os burgueses, houve a necessidade de se fazerem hospitais para o povo da Guiné, não só para tratar dos feridos em combate como também para evitar cóleras, epidemias e outras doenças que o povo

da Guiné pode apanhar, devido ao clima do país.

Cada aldeia tem um comité eleito pelo povo, que se ocupa dos serviços de saúde e higiene.

É O POVO QUEM FAZ AS LEIS

Em cada aldeia há comités do povo que se ocupam da disciplina, caso haja algum membro do povo que cometa erros (roubo, etc...) o comité dá-lhe um castigo a fazer, por exemplo levar balas aos camaradas que combatem durante um certo tempo, etc...

Não é como em Portugal onde são dois ou três a fazer as leis e a castigarem-nos. Pois que: *Se tivermos fome e roubarmos um bocadinho de pão, somos presos logo da seguida, enquanto os capitalistas roubam o povo a torto e a direito e vivem em liberdade porque são eles que fazem as leis.*

"DIALÉTICA" pag. 6

O ALARME!

JORNAL POPULAR PORTUGUÊS

Escreve-nos para:

O ALARME
22, Village du Rif
38640 - Claix

Dos Trabalhadores para os Trabalhadores

Para pagamento:

C.C.P. FAYAN Charles
n°257 088 Grenoble
importante:
no remetente junto do
teu nome põe (O.A.)

MAIO 74

1^{FR}

n°20

O Silva, o Zé, a Sra. Albertina e os seus problemas

Zé: Então, ó Silva, que tal achaste esta reunião para discutir dos problemas do nosso bairro?

Silva: Pois eu cá achei-a muito interessante. Mas só é pena que não te-nhas trazido também a tua mulher contigo.

Sra. Albertina: Lá isso é verdade. Eu vim à reunião e também gostei muito. Eu acho que todos estes problemas também dizem respeito às mulheres.

Zé: Mas eu cá não gosto que a minha mulher se meta em políticas.

Sra. Albertina: Mas o que é que queres tu dizer com isso de política? A política é tudo! É a nossa vida de dia a dia.

Silva: Pois claro. A política é as conversas que temos com os camadas no trabalho, é a união entre a malta, as conversas com os amigos no café sobre a nossa vida e como vivemos em casa com a nossa família.

Zé: O que é que tu queres dizer quando falas como vivemos com a nossa família?

continua página 6

ÚLTIMA DA HORA

OS MILITARES LIMPARAM O SARAMPO AO CAETANO MAS O QUE O POVO QUER É O SOCIALISMO!

Segundo notícias da última hora o colonialista Spínola apoiado por um grupo de oficiais tiraram o Caetano e o Tomás do "poleiro". Tomaram logo decisões e fizeram promessas com as quais eles pensam contentar o povo:

- Prometeram acabar com a guerra colonial,
- Libertaram alguns presos políticos,
- Derrubaram a Pide em Portugal; no entanto, os pides das colónias vão ser integrados no exército (como se não pertencessem à mesma cambada!!)
- Dizem que vão fazer eleições livres
- Também acabaram com a censura.

Em Lisboa como em outras cidades o povo tem vindo para a rua manifestar a sua alegria pelas liberdades já concedidas e indo muito mais longe, gritando: "Viva o Socialismo" e "Unido o Povo é invencível". O povo tem ajudado os seus filhos, os soldados, dando-lhes de comer e conversando com eles. Quanto aos pides que estão presos, quer o povo que

continua página 8



Foi no Congresso Internacional de Paris em 1890, com a presença de Frederico Engel que foi companheiro de Marx e grande guia dos trabalhadores de todo o mundo, que o 1º de Maio foi escolhido para o Dia Internacional dos trabalhadores.

Foi escolhido este dia em memória do 1º de Maio de 1886, dia em que os operários da fábrica Mc Cormick de Chicago, Estados Unidos, fizeram uma grandiosa greve para exigir 8 horas de trabalho, 8 horas de repouso e 8 horas de educação. Para culminar a greve no dia 3 de Maio reventou uma grandiosa manifestação. A polícia atirou sobre os manifestantes, tendo deixado por terra um monte de cadáveres e feito centenas de prisões.

Também em Fourmies, na França, em 1892, houve grandes lutas operárias neste dia. Também nesta altura a polícia metralhou a população matando e ferindo centenas de operários.

Desde então, o 1º de Maio ficou sempre assinalado por toda a parte como um dia de greves e reivindicações populares e também como o dia em que se recordam os trabalhadores que morreram na luta contra a exploração da burguesia.

Também em Portugal, este dia tem sido bem assinalado.

continua página 8

UM GRUPO DE TRABALHADORAS ESCRIBE-NOS

FUI OBRIGADA A EMIGRAR, "MAS EMIGRAR NÃO É SOLUÇÃO."

Desde a idade de 14 anos estive a trabalhar numa fábrica de meias. Éramos quatro mulheres nas formas; nessa secção o trabalho ainda é pior do que nas outras, durante o dia inteiro o vapor para modelar as meias, aquece dum maneira insuportável. Da nossa chegada à fábrica até à nossa saída não paramos de transpirar.

Um dia o patrão viu-se obrigado a dar aumentos para todos. Ao receber o salário vimos que nós as quatro que estávamos a trabalhar em piores condições é que não tínhamos sido aumentadas! Éramos só quatro, mas estávamos unidas e fortes. Pouco tempo depois o chefe veio chamar-nos para irmos falar com o patrão. Nós não tínhamos medo e fomos ao escritório. Mas o patrão sabe que todas unidas somos uma grande força, e em vez de nos ouvir todas juntas, chamou uma de cada vez: - Duas foram trabalhar, a terceira diz que só voltaria para as formas quando a aumentassem. Essa foi despedida. Quando chegou a minha vez, o ladrão do patrão já tinha ganho e aos altos berros disse-me: "Se tu queres trabalhar é já, senão vai-te embora." Com vergonha tive que aceitar. A camarada que foi despedida foi ter com os sindicatos.

OS SINDICATOS ESTÃO DO LADO DOS PATRÕES

Eles então foram todos mansinhos pedir ao patrão para a deixar ir outra vez para o seu lugar. O patrão aceitou. Claro, ele precisava dela! ... Mas o que é certo é que nós voltamos ao trabalho sem ser aumentadas, o sindicato esteve-se nas tintas para a nossa reivindicação e a nossa luta, "esses tipos estão com o patrão e não conosco".

Camaradas, não nos deixemos levar pelo jogo hipócrita e sujo dos sindicatos. Unidos somos uma grande força contra o patrão.

Toda a minha vida fui explorada e se fosse a contar tudo, esse jornal era muito pequeno!

Isto passou-se comigo há 10 anos, mas hoje as coisas estão diferentes em Portugal. Do Norte ao Sul do país há greves cada vez mais numerosas e mais duras. Hoje há organização sindical clandestina que defende verdadeiramente os interesses dos trabalhadores que organizados têm conseguido grandes vitórias. Em Portugal os operários organizam-se em comités operários como por exemplo: na SEPSA em Leça do Bailio, na Eduardo Ferreirinha no Porto, na fábrica dos Correias em Pevidim, etc... Os comités operários são a base dum organização sindical que defende verdadeiramente os interesses dos trabalhadores. Esta organização sindical não tem nada a ver com os sindicatos fascistas fundados pelo governo de Salazar para defender os interesses dos patrões e melhor enganar aqueles que trabalham.

A UNIÃO DE TODOS OS TRABALHADORES SERÁ UMA GRANDE E ÚNICA FORÇA QUE DESTRUIRÁ TODOS OS INIMIGOS DO POVO.

EM FRENTE PELA FORMAÇÃO DE COMITÉS OPERÁRIOS

EM FRENTE PELA CAIXA DE APOIO ÀS LUTAS EM PORTUGAL!

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR

Nota:

Esta organização sindical clandestina luta com todas as armas ao seu alcance - greves, ocupação das fabricas, caixas de apoio etc. pela defesa dos interesses dos trabalhadores e pela união e organização dos operários nos locais de trabalho contra a exploração capitalista. Ela luta ainda contra o fascismo, o colonialismo e o imperialismo e defende que só a revolução popular traz a única solução justa para os nossos problemas.

O QUE É PRECISO SABER

CONGÉ PAYÉ

Como se aproximam as férias vamos falar dum dos poucos direitos que temos enquanto que trabalhadores - "o congé payé".

Têm direito ao "congé payé" todos os trabalhadores - quer trabalhem nas fábricas ou na agricultura, quer façam ménage - desde que tenham trabalhado pelo menos 17 dias durante um mês no mesmo patrão. Por cada mês temos direito a dois dias de congé, quer dizer 24 dias de férias pagas por ano.

No caso de termos trabalhado em vários patrões devemos exigir a cada um deles os dias de congé a que temos direito.

Claro que o patrão não nos dá este congé de boa vontade mas devemos obrigá-lo nem que tenhamos de recorrer às leis burguesas.

CONGÉ PAYÉ DO BATIMENT:

Para os operários do "batiment" há uma caixa especial do "congé payé" em cada departamento. É esta caixa que paga as férias a cada trabalhador. Devemos pedir ao patrão a folha azul do "congé payé" onde estão marcadas as horas que trabalhamos, preenchê-la e

enviá-la com o nosso nome e morada para a Caixa do Congé Payé da região.

No caso de termos trabalhado em vários patrões devemos pedir a cada um deles a folha azul do "Congé Payé" enviá-las para a Caixa e guardar o duplicado. Se trabalhámos em vários departamentos enviam-se todas as folhas azuis para a Caixa do último departamento em que se trabalhou.

No caso de termos estado alguns dias ou meses sem trabalhar por termos ido a Portugal, por termos andado à procura de trabalho, por termos estado doentes etc, devemos escrever a razão e enviar juntamente com os papéis. O acidente de trabalho, as doenças profissionais e a "maladie" contam igualmente para o "Congé Payé".

Se não nos enviarem o dinheiro durante o mês seguinte ao que se mandou os papéis, devemos reclamar o dinheiro para a Caixa do Congé Payé.

Não é pensando no nosso descanso que os patrões nos pagam as férias. É porque sabem que, se descansarmos um mês vamos dar-lhes mais rendimento nos outros meses e se não as dessem lutaríamos através de greves ou outros meios, para as conseguirmos.

ULTIMA DA HORA (cont.)

lhes sejam entregues, sim porque estes "abutres", estes bandidos não-de pagam com a morte os crimes que fizeram.

Tudo isto parece porreiro mas vamos a ver como é que o Spínola vai descalçar a bota nos problemas que dizem respeito ao povo português:

- Quanto à guerra colonial, será que ele vai defender os interesses do povo, acabando com a guerra? Será que ele vai por outras maneiras defender os interesses do imperialismo mundial, quer dizer da burguesia americana, alemã, francesa e outras que têm o seu capital nas colónias e em Portugal?

E quanto ao aumento do custo de vida que há tantos anos aflige o povo e fá-lo viver na miséria?

Será que ele vai estar ao lado do povo melhorando o seu nível de vida? Ou não será ele obrigado a estar do lado dos ricaços que têm ainda a força do dinheiro?

O Spínola aparece agora como um salvador dos interesses da burguesia (lembramo-nos que o livro dele foi feito por uma casa que pertence à CUP). Para poder continuar a explorar as classes trabalhadoras, a burguesia teve que mudar de tática, mas eles cada vez se enterram mais. Primeiro foi o Salazar que com o seu paleio escravizou o povo durante mais de 40 anos. Depois veio o Caetano que com promessas e conversas em família se afundou até ao pescoço. Agora vem o Spínola dizendo-se o Salva-dor mas ele há-de afundar-se até à cabeça. Sim, porque o povo já não vai em história de "políticos de carreira" que ontem matavam os nossos camaradas das colónias e hoje dizem que eles têm razão. Ao povo o que lhe interessa é o verdadeiro socialismo, porque só o verdadeiro socialismo dará PÃO, TERRA, PAZ e DEMOCRACIA POPULAR. Só o verdadeiro socialismo, onde o povo terá todo o poder, dará liberdade e igualdade ao povo que então se encarregará de castigar os seus inimigos.

CONTINUEMOS A ORGANIZAR-NOS E A LUTAR NAS FABRICAS, NOS CAMPOS, NOS BARCOS, NOS QUARTÉIS E NA RUA!
TODO O PODER AO POVO!

VIVA O 1º DE MAIO (cont.)

Muitos se recordam ainda, entre outros do 1º de Maio de 1962 em Lisboa e mais tarde do 1º de Maio de 1972 e 1973 no Porto, em que as manifestações tomaram mesmo aspectos de luta aberta contra a repressão e a exploração capitalistas.

Camaradas:

Nós trabalhadores, temos à nossa frente um futuro grandioso - é nosso dever abater o capitalismo e o imperialismo internacional e construir um Portugal novo. De certeza alcançaremos esse objectivo. Mas daqui até lá, temos um caminho difícil a percorrer. O 1º de Maio é o dia de solidariedade e luta dos trabalhadores e povos oprimidos do mundo inteiro; mas é também um dia de festa, um dia de confiança e certeza na vitória final.

É por isso que nós queremos gritar bem alto a nossa solidariedade com o povo revolucionário em Portugal, com os nossos irmãos africanos de Guiné-Cabo Verde, Angola e Moçambique, com os povos oprimidos do mundo inteiro em luta contra a exploração capitalista, contra o imperialismo internacional e contra o colonialismo.

O MUNDO SERÁ NOSSO TRABALHADORES QUE TODO PRODUZIMOS!

O Alarome pag. 8

3 FICHA ENTREVISTA



Alunos da Universidade de Copenhaga entrevistando Jorge Leitão, ex-exilado político português na Dinamarca e residente em Aarhus. Abril de 2020
© Ana Vera

A entrevista é um método de recolha de dados utilizado pelas diferentes Ciências Sociais. Em Antropologia, utilizamos o termo “entrevista etnográfica” para designar um tipo específico de entrevista que privilegia a informalidade, funcionando como uma “conversa”, não dispensando, contudo, um guião dos temas a abordar.

A entrevista etnográfica é uma construção mútua, uma colaboração que permite construir conhecimento sobre um tema específico. Muitas vezes os antropólogos utilizam fotografias, documentos de arquivo para auxiliar a recordação e a construção de narrativas.

1. Assiste aos diferentes testemunhos de antigos exilados políticos portugueses disponibilizados no *site* do #ECOS³.

2. Se tivesses que documentar uma experiência de mobilidade semelhante, o que perguntarias?

Preparámos uma lista de tópicos para te ajudar na construção de um guião de entrevista. Poderás optar por uma ordenação cronológica das temáticas.

- dados biográficos (nome, data e local de nascimento)
- razões do abandono do país de origem
- razões para a escolha do país de acolhimento
- preparação da viagem. Qual o objeto que o/a acompanhou?
- descrição da viagem. Viajou sozinho? Com a família, amigos?
- descrição do país de acolhimento. Primeiras impressões
- profissão desempenhada
- descrição dos quotidianos de trabalho e lazer
- identificação de um objeto, fotografia, documento que ilustre a trajetória

Antes da entrevista deverás:

- construir o guião de entrevista
- explicitar de forma detalhada o objetivo da entrevista e solicitar a autorização para a realização da mesma

³ <https://ecosexilios-cria.org/testimonial/testemunhos-video/>

- explicar o tipo de registo que pretendes realizar e os tipos de questões que irás colocar
- solicitar autorização para a gravação da entrevista ou para outro tipo de registo (ex. fotografia) que pretendas realizar
- perguntar se o entrevistado pretende optar pelo anonimato.

Durante a entrevista deverás:

- utilizar palavras e frases inteligíveis
- evitar questões ambíguas
- controlar o tempo da entrevista, estando atento/a aos sinais de fadiga do entrevistado/a
- aconselhamos como tempo máximo de duração 30 minutos.

Depois da entrevista:

- proceder à sua transcrição e edição
- identificar as temáticas mais relevantes
- partilhar a entrevista com a pessoa entrevistada
- debater os resultados com os teus professores e colegas

4 FICHA CINEMA

“A FOTOGRAFIA RASGADA” DE JOSÉ VIEIRA

Filme “A fotografia rasgada” de José Vieira (2002), 53'⁴



© José Vieira

Nos anos 60 quem emigrava clandestinamente recorrendo a um passador, conhecia o código da fotografia rasgada. O passador guardava metade da fotografia de quem emigrava e a outra levava-a o emigrante que, uma vez chegado ao destino, a remetia à família, em sinal de que chegara bem e que poderia ser concluído o pagamento pela sua "passagem". Partindo da sua experiência como emigrante e das memórias de muitos portugueses que partiram para França "a salto", José Vieira traça um retrato amargo da história recente de Portugal.

⁴ <https://www.dailymotion.com/video/x6cnhq>

1. O filme de José Vieira trata da experiência de muitos portugueses que emigraram para França nos anos 60/70.

- 1.1. Quais são as razões que explicam a partida de milhares de portugueses para França?
- 1.2. Como faziam os emigrantes para chegar a França?
- 1.3. Quais foram as dificuldades encontradas?

2. Hoje, Portugal recebe populações em exílio de outros países.



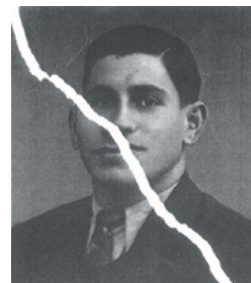
© Mohamed Azakir /
World Bank

2.1. Que semelhanças encontras no percurso dos portugueses que emigraram para França nos anos 60/70?

2.2. Que diferenças encontras no percurso dos portugueses que emigraram para França nos anos 60/70?

3. No filme de José Vieira, o uso duma fotografia rasgada era muitas vezes a única forma de comunicar à família que se tinha chegado a França.

- 3.1. Imagina como farias, com os meios de hoje (telefone, email, etc.), para comunicar com a tua família para dizer que chegaste bem ao país para onde emigraste se não pudesses/soubesses escrever.



© José Vieira

4. O filme “A fotografia rasgada” evoca as dificuldades vividas pelos emigrantes portugueses. Mais tarde, o realizador José Vieira chamaria a Gérald Bloncourt o fotógrafo da sua infância pelo retrato que fez da mesma realidade.



Lisboa, Quinta do Narição, 1968 © Fernando Cardeira

4.1. Identifica as dificuldades sofridas pelos emigrantes portugueses em França. Podes encontrar online vários sites com imagens, textos e reportagens sobre o trabalho do fotógrafo Gérald Bloncourt, por exemplo em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ilVqC6-dk54> <http://bloncourt2.over-blog.com/2014/07/l-immigration-portugaise.html>

5. O filme “A fotografia rasgada” fala da vida nos bairros de lata de muitos emigrantes portugueses em França, nos anos 1960s e 1970s.

- 5.1. Assiste à reportagem sobre o “[Segundo Torrão. Viver num bairro de lata no século XXI](#)” disponível no YouTube. Achas que hoje, em Portugal, existem emigrantes que vivem na mesma situação?
- 5.2. Compara as situações entre os bairros de lata nos anos 1960s em França e hoje em Portugal. Encontras diferenças e/ou semelhanças? A que achas que se devem?



Bairro de lata, Sacavém, 2010

© Mónica Miranda /
Arquivo Municipal
de Lisboa

5 FICHA TEATRO

TEATRO E CENSURA

“Ao longo da história cultural portuguesa, o teatro aparece como um indicativo das formas assumidas pela censura. (...) O desaparecimento de Gil Vicente coincide com a criação do Santo Ofício da Inquisição em 1536. Em 1838, quatro anos após o estabelecimento da liberdade de imprensa pela primeira vez em Portugal, Almeida Garrett escreve *Um Auto de Gil Vicente* para o repertório do Teatro Nacional. Durante este período o teatro português apenas conta com um dramaturgo que tenha gozado de significativa aceitação popular, António José da Silva, o Judeu, que, como se sabe, veio a ser queimado pela Inquisição. O teatro como obra de criação pessoal e veículo de comunicação social foi, através dos tempos, objeto de especial cuidado da censura por razões que se tornam evidentes.” (RODRIGUES, 1980, p. 79)

ATIVIDADES

1. Em 2012 o dramaturgo e atual (2020) diretor do Teatro Nacional D. Maria II, Tiago Rodrigues escreveu a peça *“Três dedos abaixo do joelho”*⁵ resgatando como material de arquivo os relatórios escritos entre 1933 e 1974 por censores do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI). Este material foi recolhido no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e a peça foi editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra em 2013.
 - 1.1. Lê a peça *“Três dedos abaixo do joelho”* de Tiago Rodrigues.
 - 1.2. Discute o título da peça e seu significado.
 - 1.3. Debate como é que o autor se apropria do arquivo, i.e., dos discursos dos censores?
 - 1.4. Quais as peças que em *“Três dedos abaixo do joelho”* consegues identificar que foram sujeitas à censura? Porque foram consideradas subversivas ao regime ditatorial português?
 - 1.5. Enumera cinco medidas que os censores impuseram às peças. Discute o objetivo dessas medidas.

⁵ Podes descarregar a peça e consultar mais informação sobre o espetáculo em:
[https://digitalis.uc.pt/pt-pt-livro/três_dedos_abaixo_do_joelho_tristeza_e_alegria_na_vida_das_giras_coro_dos_amantes](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/três_dedos_abaixo_do_joelho_tristeza_e_alegria_na_vida_das_giras_coro_dos_amantes)
<https://www.arquivoteatromariamatos.pt/espetaculo/tres-dedos-abaixo-do-joelho-tiago-rodrigues-mundo-perfeito-20131115/>

2. Em 2019 o dramaturgo e atual diretor da Casa da Esquina, Ricardo Correia, escreveu a peça *“Crise de 69 – O ano em que sonhámos perigosamente”*⁶ a partir de testemunhos sobre a Crise académica de 1969 em Coimbra.

Lê o excerto da cena 9 da peça *“Crise de 69”* e discute a diferença entre texto linguístico (peça) e texto cénico (espetáculo) e como isso era usado para “enganar” a censura.

“SOFIA

Chegámos ao início do filme. Recomeçamos em 1969 e daqui em diante.

Vestem casacos da época.

Por aqui.

À volta de uma mesa que contém um mapa de Coimbra. Descrevem a cidade de Coimbra.

RICARDO

Coimbra. A universidade. Uma ilha de liberdade num país que soa como uma banda desafinada, mas ninguém o ousa dizer com medo do maestro.

SOFIA

As residências universitárias e as Repúblicas. Centros de contrapoder. A contrainformação começa a aparecer.

RICARDO

Copiógrafos de república em república.

⁶ Podes consultar mais informação sobre o espetáculo em:
https://www.youtube.com/watch?v=PxpiNIYSJTg&feature=youtu.be&fbclid=IwAR1eVegNhTCvp9K5udAs0sEqclQNjpFARMr_usiZeA_jkY_iCY82p5-vHBI

SOFIA

Em 15 minutos a edição esgotava.

RICARDO

Afinal há mortes. Tortura. O que é que se passa em África?

(...)

RICARDO

O TEUC e o CITAC.

SOFIA

Em plena crise académica, Luís Lima encena *A ilha dos escravos* de Marivaux. Uma peça de combate. Uma rasteirada à censura. Porque o Marivaux era um clássico do século XVIII, uma comédia, de amores, de tipo encontros e desencontros, patrões e criados, amores dos criados, amores dos patrões, e tal. E aquilo teve uma encenação completamente subversiva, mas só no fim é que se percebia aquilo.

RICARDO

E a censura ouviu aquilo e deixou passar, porque o ensaio foi inócuo, os atores diziam aquilo no ensaio sempre sem grandes ênfases. Uma xaropada muito grande, diz o censor.

SOFIA

Só que depois havia uma última cena, era os títeres. A plateia reconhecia naquela ilha o país em que todos eram “escravos” e o patrão despoticamente dispunha do destino e da vida dos seus súbditos. O espetáculo terminava precisamente com a apresentação de quatro enormes titereiros que representavam o poder económico, militar, religioso e judicial.

RICARDO

A peça acaba proibida quando preparava a sua apresentação no Porto. Luís Lima é expulso do país no mesmo dia em que Ricard Salvat, que dirigia o CITAC é levado de automóvel para a fronteira com Espanha.

Mapa da fronteira Portugal e Espanha e dois carros da PIDE.

Por ali.”

(pp. 18-20)

3. No livro *Exílios* sob os títulos “Não à Guerra Colonial” e “O maneta” que podes consultar no site da Associação de Exilados Políticos Portugueses - 61-74⁷ os exilados Helder Costa e Carlos Ribeiro declaram a importância do Teatro Operário em Paris na luta contra a Guerra Colonial. Discute a relação entre teatro e política:

3.1. Para que serve?

3.2. Porque é considerado subversivo pelo Poder?

3.3. Em que medida?

3.4. Quais os limites do teatro na transformação do mundo?

OUTRO MATERIAL DE APOIO

CORREIA, Ricardo. (2019). *Exílio(s) 61-74* in *O Meu País é o Que o Mar Não Quer*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

CORREIA, Ricardo. (2019) *Crise de 69 – O ano em que sonhámos perigosamente*. Texto não publicado.

COSTA, Helder. (1980). *Teatro Operário*. Coimbra: Centelha.

⁷ <http://aep61-74.org/wp-content/uploads/2015/10/LIVRODEXILIOSI-2ºSITE1.pdf>

RODRIGUES, Graça. (1980). *Breve História da Censura Literária em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Divisão de Publicações.

RODRIGUES, Tiago. (2013). *Três dedos abaixo do joelho*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

SANTOS, Graça. (2004). *O espetáculo Desvirtuado – O Teatro Português sob o Reinado de Salazar (1933-1968)*. Lisboa: Editorial Caminho.

WEISS, Peter (1968). *Chant du fantoche Lusitanien*. Edition Du Seuil.

RECURSOS

ONLINE

GUERRA COLONIAL E AS LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA DAS EX-COLÓNIAS PORTUGUESAS

(informação e documentários)

<https://media.rtp.pt/descolonizacaoportuguesa/pecas/a-guerra-instala-se-em-tres-frentes/>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/angola-1961-o-inicio-do-fim/>

<https://www.youtube.com/watch?v=1gI5KFRDQt8&list=PLNnM7uubGF22GfS7CMA1M9zzzzMh6yBzb&index=7>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/memorias-da-guerra-do-ultramar/>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/a-casa-dos-estudantes-do-imperio/>

INFORMAÇÃO SOBRE AMÍLCAR CABRAL

http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_2617

<https://caminhosdamemoria.wordpress.com/2010/01/20/conversas-sobre-amilcar/>

DESERÇÃO À GUERRA COLONIAL

(artigos e reportagens)

<https://ecosexilios-cria.org/2020/10/16/artigos-e-livros/>

<https://www.dn.pt/sociedade/mais-de-oito-mil-soldados-desertaram-da-guerra-colonial-5455438.html>

<https://www.publico.pt/2016/04/21/sociedade/noticia/eu-fui-desertor-digoo-com-todo-o-gosto-1729642>

<https://www.rtp.pt/play/p2440/e235976/estorias-do-tempo-da-outra-senhora>

PROPAGANDA OFICIAL SOBRE A GUERRA COLONIAL

<https://ensina.rtp.pt/artigo/a-guerra-de-africa-chega-a-televisao/>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/olhar-o-ultramar-portugues-em-1973/>

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/1961-guerra-colonial/>

CENSURA DURANTE O ESTADO NOVO (informação e documentário)

http://www.museudaimprensa.pt/galeriavirtualdacensura/main_cron.htm

<https://ensina.rtp.pt/artigo/livros-e-escritores-censurados-pelo-estado-novo/>

IMPrensa CLANDESTINA DOS COMITÉS DE DESERTORES

<http://www.cd25a.uc.pt/index.php?r=site/page&view=itempage&p=2394>

<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04805.001.014>

http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_8953

http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_3650

FAKE NEWS (informação e observatórios)

<https://www.publico.pt/2019/10/02/politica/opiniao/fake-news-1888523>

<https://poligrafo.sapo.pt>

<https://observador.pt/seccao/observador/fact-check/>

1º DE MAIO (informação e documentário)

<https://arquivos.rtp.pt/colecoes/1o-de-maio/>

<https://pt.euronews.com/2018/04/30/significado-e-historia-do-1-de-maio-dia-do-trabalhador>

<https://www.youtube.com/watch?v=cIN37JB6JMw>

MÚSICA DE INTERVENÇÃO E PROTESTO

http://www.luiscilia.com/index_ficheiros/Page601.htm

<http://www.aja.pt/letras/>

<https://folkways.si.edu/anti-fascism-and-racial-struggle-in-song/music/playlist/smithsonian>

<http://www.edchange.org/multicultural/arts/songs.html>

ORGANIZAÇÕES DE ACOLHIMENTO DE REFUGIADOS

<https://www.acnur.org>

<https://www.acm.gov.pt/pt/acm>

<https://www.om.acm.gov.pt/-/programas-medidas-e-mecanismos-de-pesposta-recentes-para-refugiados>

https://www.facebook.com/projetoureparp/about/?ref=page_internal

TESTEMUNHOS DE REFUGIADOS HOJE EM PORTUGAL

https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=3tfeSPbhNVk&feature=emb_logo

https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=ziamsluTanI&feature=emb_logo

https://www.youtube.com/watch?v=XvoUC8cCWI&feature=emb_logo

Contactos

<https://ecosexilios-cria.org/>

www.instagram.com/ecos.exilios/

www.facebook.com/ECOS-Exilios-contrariar-o-silencio-114679076626862/

ecos.exilios@gmail.com

cria@cria.org.pt

Entidade Financiadora

Programa Europa para os Cidadãos

609056-CITIZ-1-2019-1-PT-CITIZ-REMEM

<https://ec.europa.eu/programmes/europe-for-citizens/projects/efc-project-details-page/?nodeRef=workspace://SpacesStore/22807c45-03e8-4dab-bfbf-9861f4b3581d>



FICHA

TÉCNICA

COORDENAÇÃO Sónia Ferreira

AUTORES Hugo Dos Santos, Marta Prista,
Ricardo Correia, Sónia Vespeira de
Almeida, Sónia Ferreira

IMAGENS Ana Vera, Biblioteca Multimédia
AEP61-74, Carlos Gomes, Carlos
Sousa Neves, Fernando Cardeira,
Fernando Cardoso, Hugo Dos
Santos, Jorge Leitão, José
Carvalhão Duarte, José Vieira,
Manuel Branco, Marta Prista, Sónia
Mota Ribeiro.

DESIGN GRÁFICO Mariana Camacho

PRODUÇÃO #ECOS

2021